

REVISTA



ECOS

LITERATURAS E LINGUÍSTICAS

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
- Editora Unemat -

EPLIT
Centro de Pesquisa
em Literatura

CEPEL
Centro de Estudos e Pesquisas em Letras

Programa de
Pós-Graduação
em Estudos Literários
PPGEL

Editores/Organizadores

Agnaldo Rodrigues da Silva
Taisir Mahmudo Karim

Projeto Gráfico

Ricelli Justino dos Reis

Copyright © 2016 / Unemat Editora

Ficha Catalográfica elaborada pela Coordenadoria de Bibliotecas
UNEMAT - Cáceres

ISSN: 2316-3933 (*Online*)

Revista ECOS. Literaturas e Linguísticas.

Editores/Organizadores: Agnaldo Rodrigues da Silva / Taisir Mahmudo Karim (Revista do Centro de Pesquisa em Literatura e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários). Cáceres-MT: Unemat Editora, 2016.

387 p.

1. Literatura 2. Linguística

Semestral (Ref.: Jan 2016 - Jun 2016). Vol. 20, ano 13, n. 1 (2016)

CDU: 81

Índices para catálogo sistemático

1. Literatura - 82

2. Linguística - 81



REVISTA ECOS - Grupo de pesquisa em estudos da Arte e da Literatura comparada - Centro de Pesquisa em Literatura / Programa de Pós-graduação em Estudos Literários
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavalhada - Cáceres MT - Brasil - 78200000
Tel: 65 3221-0023 - revistaecos.unemat@gmail.com



UNEMAT Editora

Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavalhada - Cáceres - MT - Brasil - 78200000

Fone/Fax 65 3221-0023 - www.unemat.br - editora@unemat.br

Vol. 20, Ano 13, nº 1 (2016)

ISSN: 2316-3933 (*online*)

REVISTA ECOS

Literatura e Linguística

Indexações:

Sumários de Revistas Brasileiras (sumarios.org)

Diadorim

Latindex

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

| | |
|---|----------------------------|
| Reitora | Ana Maria Di Renzo |
| Vice-Reitor | Ariel Lopes Torres |
| Pró-Reitoria de Ensino de Graduação | Vera Lúcia da Rocha Maquêa |
| Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação | Rodrigo Bruno Zanin |
| Pró-Reitoria de Extensão e Cultura | Alexandre Gonçalves Porto |
| Pró-Reitoria de Gestão Financeira | Ezequiel Nunes Pacheco |
| Pró-Reitor de Planejamento e Tecnologia da Informação | Francisco Lledo dos Santos |
| Pró-Reitoria de Administração | Valter Gustavo Danzer |
| Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis | Anderson Marques do Amaral |

CENTRO DE PESQUISA EM LITERATURA Agnaldo Rodrigues da Silva

CONSELHO EDITORIAL/REVISTA ECOS

Agnaldo Rodrigues da Silva - UNEMAT (Presidente)
Elza Assumpção Miné - USP
Inocência Mata – Universidade de Lisboa/Portugal
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida – USP
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP
Maria Fernanda Antunes de Abreu – Universidade Nova de Lisboa/Portugal
Mônica Graciela Zoppi Fontana - UNICAMP
Roberto Leiser Baronas - UFSCar
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT
Tânia Celestino de Macedo – USP
Valdir Heitor Barzotto – USP

CONSELHO TEMÁTICO CONSULTIVO

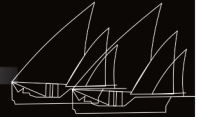
Agnaldo José Gonçalves – UNESP
Águeda Aparecida Cruz Borges - UFMT
Ana Antônia de A. Peterson - UFMT
Ana Maria Di Renzo –UNEMAT
Benjamin Abdala Junior –USP
Célia Maria Domingues da Rocha Reis - UFMT
Eduardo Guimarães - UNICAMP
Elizete Dall'Comune Hunhoff - UNEMAT
Elza Assumpção Miné - USP
Isaac Newton Almeida Ramos - UNEMAT
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique
José Carlos Paes de Almeida Filho - UNICAMP
Liliane Batista Barros - UFPA
Luiz Francisco Dias - UFMG
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP
Mário César Leite - UFMT
Mônica Graciela Zoppi Fontana – UNICAMP
Nelly Novaes Coelho - USP
Rita de Cássia Natal Chaves - USP
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT
Tânia Celestino de Macedo – USP
Valdir Heitor Barzotto – USP
Vera Lúcia da Rocha Maquêa - UNEMAT
Yasmin Jamil Nadaf - Academia Mato-Grossense de Letras
Walnice de Matos Vilalva – UNEMAT

REVISTA



ECOS

TEXTOS EM PORTUGUÊS/INGLÊS


 DIÁLOGO ENTRE VIDAS SECAS E GAIBÉUS:
UM UNIVERSO DE SILÊNCIOS

 DIALOGUE BETWEEN VIDAS SECAS AND GAIBÉUS:
A UNIVERSE OF SILENCES

 Cecília Krug¹

RESUMO: O artigo discute duas obras literárias do século XX, *Vidas Secas* e *Gaibéus*. Ambas as obras fazem uma provocação em aberto de situações vigentes, em determinado período histórico, nos países de seus respectivos autores. Dentre elas destacam-se algumas questões sociais, políticas, econômicas, tais como as más condições de trabalho, a miséria, a fome, a seca, a repressão e a censura. Esta última tem relação com o *silenciamento* das personagens nas obras que, de certa forma, representam a sociedade daquela época. Graciliano Ramos e Alves Redol captam e representam em suas obras alguns aspectos daquele momento vivenciado por ambos, de maneira a requerer do leitor uma leitura crítica daquela realidade de opressão e cerceamento de ideias. Acerca do assunto, esse artigo tem por objetivo comparar os romances *Gaibéus*, de Alves Redol e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, aclarando semelhanças e contrastes presentes neles. Diante da análise e, para contribuir de forma enriquecedora nas ideias e interpretações, foram buscadas referências nos textos de Antônio Candido, Tânia Franco Carvalhal, Alfredo Bosi, Theodor Adorno e Afranio Coutinho.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Comparada; Graciliano Ramos; Alves Redol; *Vidas Secas* e *Gaibéus*.

ABSTRACT: The article discusses two literary works of the twentieth century, *Vidas Secas* and *Gaibéus*. Both novels are an open provocation to the situation in a certain historical period, in the countries of their respective authors. Among them we identify some social, political, economic issues, such as poor working conditions, poverty, hunger, drought, repression and censorship. The last word is related to the novel's characters' silencing that somehow represent the society of that time. Graciliano Ramos and Alves Redol capture and represent in their literary works some aspects of that time experienced by both in order to lead the reader to a critical reading of that reality of oppression and retrenchment ideas. About the topic, this article aims to compare the novels *Gaibéus* from Alves Redol and *Vidas Secas* from Graciliano Ramos, clarifying similarities and contrasts present in the works. On the analysis of the works and to contribute in an enriching way of the ideas and interpretations researched for some theories' references in

1 Discente do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Estudos Literários – Nível de Mestrado, na Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* de Tangará da Serra-MT, Brasil. E-mail: teachcisa@hotmail.com

Antonio Candido, Tania Franco Carvalhal, Alfredo Bosi, Theodor Adorno and Afranio Coutinho.

KEYWORDS: Comparative Literature; Graciliano Ramos; Alves Redol; *Vidas Secas* e *Gaibéus*.

Muitas inquietações, ideias, questionamentos de estudiosos e escritores colaboram para a reflexão sobre elementos que se revelam de diversas maneiras, contribuindo significativamente nas criações e análises das produções literárias. Nesse sentido, os diálogos interdisciplinares e os ciclos de relações na literatura se estabelecem, projetando questões que conceituam a Literatura Comparada.

Partindo da premissa dessa interdisciplinaridade que permeia os diálogos, infere-se o fato de que a Literatura Comparada não pode ser entendida apenas como sinônimo de “comparação”, mas um procedimento que vai além, na busca das interpretações, análises, relações literárias e ideias, a fim de estabelecer as interações nas produções literárias,

[...] a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe (CARVALHAL, 2006, p. 07).

Assim, o comparatista leva em conta as diversidades de ideias, pensamentos, sentimentos, histórias e suas relações entre duas ou mais literaturas e estabelece análises que objetivam o crescimento das interpretações. Nestes termos, Carvalhal (2006, p. 06 e 07) afirma que: “a crítica literária, por exemplo, quando analisa uma obra, muitas vezes é levada a estabelecer confrontos com outras obras de outros autores, para elucidar e para fundamentar juízos de valor”.

Vale ressaltar que, nesse processo abrangente da pesquisa comparatista, alguns aspectos são relevantes, como as semelhanças, as rupturas, o tempo, o lugar e a história. Diante destes, é importante lembrar que a solidariedade entre autores, a transformação do tempo, espaço e as ideias interpretadas, compartilhadas e fundamentadas pelo pesquisador são importantes nas pesquisas comparatistas.

Em outras palavras, trata-se dos estudos das afinidades, diferenças e também da intertextualidade. Neste sentido, é através das análises intertextuais que se constroem interpretações, compreensões e entendimentos do que contribuiu para a obra e para o autor no momento da sua criação. Essa ideia leva em conta que as produções literárias e seus discursos são amplos e não se descaracterizam pelas questões das relações com outras áreas do conhecimento, como cita Maingueneau (2006, p.60) “[...] categoria que permite melhor aprender as relações entre literatura e filosofia, literatura e religião, literatura e mito, literatura e ciência”.

Enfim, pensar em um trabalho comparativo pressupõe um estudo investigativo do contexto histórico das obras que serão objeto de análise por compreender que elas estão inseridos em um tempo histórico, social, político, econômico e cultural. Tais elementos podem enriquecer e explicar interpretações das construções artísticas e validar alguns conceitos, estilos e teorias. Além disso, são novos recursos para análises literárias, como explica Candido (2006, p. 18) “[...] lembrando sempre que a crítica atual, por mais interessada que esteja nos aspectos formais, não pode dispensar nem menosprezar disciplinas independentes [...]”. Desse modo, as obras passam para um vasto campo, além do valor original para contribuir com a história da literatura em que os autores retratam a realidade vivenciada num dado momento das produções literárias.

Nesse contexto, ao pesquisar e comparar as obras *Vidas Secas* e *Gaibéus*, constata-se que ambas foram pensadas e produzidas num momento histórico e político com certas similaridades, apesar das diferenças nas questões do movimento literário e lugar em que viviam os autores. Em Portugal, a obra *Gaibéus* estava no período Neorrealista, já, no Brasil, *Vidas Secas* contemplava o rol das obras do Modernismo. Partindo deste prisma, estabelecem-se considerações relevantes para a análise das obras.

A obra *Gaibéus*, de Alves Redol, trata da vida dos jornaleiros ou *gaibéus* que trabalhavam na monda do arroz nas lezírias do Ribatejo ou Beira Baixa. Os *gaibéus* ou trabalhadores eram *alugados* para um trabalho árduo, de sol a sol, com baixa renda, sendo comparados com máquinas, passavam por maus tratos, isto é, por meio de uma explícita exploração. A partir desse cenário, o autor revela o abismo social entre proprietário e o assalariado. Neste contexto, Alves Redol pretende representar o coletivo, a alienação e passividade das personagens frente a todos os problemas da época.

A obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, apresenta a história de uma família nordestina, pai, mãe, filhos e também a cachorra Baleia. Estes personagens sobrevivem num ambiente hostil, com carências diversas, tais como a seca, a fome, a falta de estrutura no sertão nordestino e a ausência do Estado. Desta maneira, tais personagens são obrigados a migrarem constantemente, em busca de melhores condições de vida.

Percebe-se que tanto Graciliano Ramos quanto Alves Redol trabalham de forma única temas que são pertinentes em duas sociedades distintas, mas com os mesmos problemas sociais. Assim, portam do mesmo ideal: o de denunciar, por meio da arte de escrever, as adversidades vividas por uma grande parcela da sociedade.

Infere-se, no contexto europeu, mais precisamente em Portugal, fatos relevantes, os quais se sucedem na transição entre Monarquia e República. As decisões que permeiam esse momento são cruciais no entendimento histórico-social da época, em que a República é inaugurada em 05 de outubro de 1910. Nesse ínterim, segundo Mendonça (2003), Portugal passa por inúmeros retrocessos nas questões financeiras, pois já não se tinha mais as rendas e lucros das ex-colônias como o Brasil e conflitos econômicos pós-guerra se estabelecem. Desta forma, Sidônio Pais, ex-ministro de Portugal em Berlim, dá um golpe de Estado e estabelece a ditadura como regime no país. Todavia, é assassinado pouco tempo depois. Nesta altura dos fatos surge o nome de Salazar, para assumir e gerir questões econômicas, políticas e sociais da nação. É oportuno salientar que Salazar e seus simpatizantes tinham como base tradição conservadora e eram imbuídos de princípios fascistas. Convém aclarar que Salazar assumiu, efetivamente em 1932, o Cargo de Presidente do Conselho de Ministros e, posteriormente, em 1933, promulgou-se a Constituição que inaugurava o Estado Novo e que propagava todos os princípios do regime Salazarista.

Eis, portanto, a obra *Gaibéus* de Alves Redol publicada pela primeira vez em 1939, a qual foi pensada e construída neste contexto conturbado em Portugal na década de 30, com sistema vigente governamental configurado por tendências fascistas impostas, com a aristocracia ruralista e exploração do trabalhador do campo. Nesse momento, as decisões e controle eram regidas pelas forças armadas, em que a censura e abuso de poder impunham os ideais da direita, os quais se estabelecerem com forte controle na questão econômica, política e social. Sendo assim, a sociedade salazarista se fazia com povos reprimidos por regimes ditatoriais que perduraram por 40 anos. O regime ditatorial atravessou a Segunda Guerra Mundial e a década de 70 e, segundo Rosas (1994), todas as instâncias da sociedade da época eram controladas pelas forças armadas que representavam o poder.

A respeito do fazer literário de Alves Redol, diante de tais circunstâncias, estabelece-se num contexto Neorrealista, o qual tem como características o comprometimento com a realidade, o olhar para a arte e para o fazer literário e, neste instante, não é mais carregado somente do ficcional e sentimentalismos, mas, sim, da percepção do mundo, do social, da crítica e, de certa forma, de uma angústia por aduzir o que realmente impera num momento conflitante, em que todas as formas de expressão eram reprimidas. Assim, as obras traziam em seu bojo uma denúncia so-

cial, busca incessante pela crítica e reflexão para a transformação social, na qual toda esta situação artística vai além, pois nos leva a pensar a arte com seu caráter carregado de sentidos e interpretações, como também mais próxima da realidade, em que se pode projetá-la como mediação para a construção literária. Nestes termos, Adorno (1971, p. 289) retrata: “Certamente, a arte, enquanto forma de conhecimento, implica o conhecimento da realidade e não existe nenhuma realidade que não seja social. Assim, o conteúdo de verdade e o conteúdo social são mediatizados, [...]”.

Diante desta conjectura, Redol acrescenta ainda que, dentre outras reflexões, a arte deve ter uma função que favoreça o homem, a qual seja capaz de perpassar o prazer, a fim de contribuir significativamente na vida em sociedade.

Graciliano Ramos e Alves Redol viviam em contextos diferentes, no entanto o momento histórico vivenciado por eles ambicionava mudanças nas questões das produções literárias, visto que tal conjectura era de conflitos, repressões e opressões.

Nos decênios de 30 e 40, o Brasil passou por muitas mudanças que colaboraram para outras perspectivas nas participações dos artistas e produções literárias, como novas relações políticas, tanto na educação quanto na arte, expansão da indústria no país, Guerra Mundial, crise econômica e conflitos de ideais em vários setores da sociedade. Em 1930, Getúlio Vargas assume o poder, com políticas populistas, embora o autoritarismo imperasse. Em virtude disso, em 1936, muitos pensadores na sociedade, descritos como comunistas, foram criticados, sofreram repressões e até presos ou exilados em outros países, o que colaborou para a instauração do período da Ditadura Militar no Brasil, gerando muitos conflitos sociais. A respeito desse contexto repleto de conflitos vividos pelos artistas, escreve Coutinho (2004, p. 278):

Não foi difícil, num momento de intensa propaganda de reforma social e mesmo de revolução, como a década de 30, que os livros do grupo constituíssem uma literatura *engagée*, de participação política, no sentido de “expor” as mazelas do estado vigente como premissa à necessária transformação revolucionária. Muitos desses escritores tornaram-se até militantes políticos, vindo a constituir uma verdadeira literatura de esquerda.

Neste sentido, a sociedade em geral sofre com as opressões e toma mais consciência dos problemas sociais e entendimento amplo das questões políticas e econômicas. Por conseguinte, os artistas da época, não

alheios aos acontecimentos da sociedade, abordam em suas produções os assuntos, temas e conturbações desse momento, com vias de denunciar, questionar e lançar soluções para as angústias vividas, já que imperaram todas as formas de opressão e censura. Nestes termos,

De um modo sumário, pode-se dizer que o problema do engajamento, qualquer que fosse o valor tomado como absoluto pelo intelectual participante, foi a tônica dos romancistas que chegaram à idade adulta entre 30 e 40. Para eles vale a frase de Camus: “O romance é, em primeiro lugar, um exercício da inteligência a serviço de uma sensibilidade de nostálgica ou revoltada. (BOSI, 2006, p. 390)

É válido salientar que o Modernismo brasileiro, de acordo com Moisés (2001), nas três fases (1922 até os dias atuais), busca a liberdade artística, na forma de expressão e criação e valorização das características da sociedade e inspiração dos artistas, sem censuras e opressões. Sendo assim, Graciliano Ramos se encontra na segunda fase do modernismo, no qual se destaca a literatura engajada, politizada, os problemas sociais, questões ideológicas e verossimilhança como algumas das características desse tempo. Como esclarece Coutinho (2006, p.141): “Nesta ordem de considerações, o Modernismo representa um esforço brusco e feliz de reajustamento da cultura às condições sociais e ideológicas”.

Graciliano tinha participações na política, fez jornalismo e publicou muitos romances, como contos e livros para a infância. Destaca-se entre suas obras o romance *Vidas Secas* por ser uma obra prima de grande repercussão, não só porque apresenta problemáticas da sociedade, mas por evidenciar também a condição do homem diante de regimes autoritários, a questão da democracia num universo tão rude e áspero.

Diante do entendimento do contexto histórico, compreende-se que as inquietações de Graciliano Ramos com *Vidas Secas* (1938) e Alves Redol com a obra *Gaibéus* (1939) têm cunho de literatura engajada com a crítica no bojo das discussões, por mostrar um povo reprimido dos regimes autoritários no Brasil e Portugal. Em *Gaibéus*, destaca-se o coletivo, apesar de, em alguns momentos, aparecerem os rapazes que sonhavam e faziam planos, a ideia de coletividade está apresentada na obra. Já em *Vidas Secas*, é a força do nordestino oprimido, a imagem do Sertanejo sem perspectivas, que, de certa forma, também representa toda uma classe intimidada. A cultura do narrador destas obras é elaborada com um olhar crítico, ambos usaram a “voz” estilizada entre os narradores cultos e a maneira simples e humilde do povo, da sociedade em geral, e trazem

uma nova transfiguração, uma visão honesta para com a miserabilidade das personagens e seus universos. Os narradores desses romances são oniscientes, têm consciência da história, da situação das personagens e trouxeram inovações na forma de narrar, como confere-se um trecho da obra *Vidas Secas*:

Entrava dia e saía dia. As noites cobriam a terra de chofre. A tampa anilada baixava, escurecia, quebrada apenas pelas vermelhidões do poente. Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores. O coração de Fabiano bateu junto do coração de Sinha Vitória, um abraço cansado aproximou os farrapos que os cobriam. Resistiram à fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem ânimo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava (RAMOS, 2006, p. 13 e 14).

Sobre a escrita, observa-se que há uma diferença na obra portuguesa, haja vista que, nesta utiliza-se a técnica da narrativa cinematográfica, a qual aproxima a percepção da obra pelos leitores à sensação percebida pelos espectadores no cinema, causando uma apreensão maior na leitura. Há também a presença da linguagem visual pictórica, que incita a criar gravuras, como se ao longo do romance existissem pinturas, sensações, impressões com a leitura e a construção de imagens. A obra *Gaibéus* é um marco desta característica pelas repetições das ações das personagens com intuito de reproduzir a verossimilhança.

Outro detalhe importante na obra de *Gaibéus* é a epígrafe no início da obra, que pretende esclarecer e trazer informações ao leitor, o que nos deixa claro que houve um trabalho de campo para a escrita, como elucida esta constatação em parte da epígrafe abaixo:

Presentiram-na desde 1936 muitos homens desse tempo. Eu estava com eles. *Gaibéus* germinou nessa época e foi consciência alertada antes de ser romance. Quem o ler, portanto, deve ligá-lo as coordenadas da história de então. Só dessa forma saberá lê-lo na íntegra. (REDOL, 2011, p. 27).

Tanto Graciliano quanto Redol norteiam suas obras com uma marca estilística do sonho, do devaneio, no momento em que as personagens sonham com uma vida melhor, iludem-se com a chuva que virá, com um lugar para morar, com um trabalho. Esse modo de construção do texto traz consigo a marca do narrador crítico e as personagens um tanto

quanto ingênuas. Esta característica é percebida nas duas obras. O trecho que segue ilustra essa marca estilística presente em *Vidas Secas*:

Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de sinhá Vitória que murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos aquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias (RAMOS, 2006, p. 127).

Já na obra *Gaibéus*, em alguns trechos do romance, as pessoas estão inertes e apáticas na conquista de uma vida melhor. Entretanto, alguns rapazes *gaibéus* sonham com a mudança, o sonho além do mar e a conquista de uma terra, como lê-se em:

Os dois *gaibéus* emigrantes sentem-se no valado, embarcando os olhos e os anseios da fragata que se afasta. Perderam aquele barco, mas irão noutro – noutro maior, porque aquele e bem acanhado para o tamanho dos seus sonhos. De um porto mais amplo sairão para a aventura de novas terras. Ambos querem viver e por isso vão partir – partir breve, porque os dias e as noites passam sempre e eles têm pressa de ser homens (REDOL, 2011, p. 213).

Diante do implacável questionamento subumano das personagens que coincidem nos romances, os autores colocam as pessoas com características de animais e vice-versa, não para ridicularizar mas, sim, para retratar os aspectos rudes, ásperos e as adversidades em que vive o ser humano, ou seja, a zoomorfização do homem e o antropomorfização dos animais. Percebem-se estas características, quando, várias vezes, Fabiano precisa afirmar que é homem, pois sentia-se um animal, chama-se de “bicho” de acordo com Ramos (2006 p. 19) “Você é um bicho, Fabiano”. A personagem até se questiona se ele era realmente é um “bicho”. Redol também deixa evidente, no decorrer do romance, várias passagens, em que as personagens humanas têm comportamentos de animais ou são comparados com máquinas porque precisavam trabalhar sem parar. As pessoas são tocadas como se fossem bichos, tais como as éguas e o gado, estavam cansados e ofegantes, mas não podiam parar. Pode-se observar neste trecho Redol (2011, p. 196) “Não param as máquinas – não param os homens. Ali não há homens – há máquinas. Só máquinas”.

Algo mais circunda as narrativas de ambos os autores, a questão do “tempo” como explica Nunes (2008, p.74) “Embora a palavra tempo

tenha o pendor para significar uma única realidade singular, não é menos um termo polissêmico com que se harmoniza a conceituação de um tempo plural, como conjunto de relações variáveis entre acontecimentos”. Em *Vidas Secas*, um traço estilístico que Graciliano usa é o modo de aproximar os desejos das personagens, o anseio do já, possibilidade de construir um paradoxo e de construir um sonho, quando usa o futuro do pretérito em toda a narrativa como segue a passagem abaixo:

Eram todos felizes. Sinhá Vitória vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de sinhá Vitória remoçaria, as nádegas bambas de sinhá Vitória engrossariam, a roupa encarnada de sinhá Vitória provocaria a inveja das outras caboclas. (RAMOS 2006, p.16)

A passagem deixa claro a marca do desejo e de superação, ou seja, a mudança de vida. Esta característica está de certa forma relacionada com a opressão e marginalização sofrida pela sociedade no momento.

Há, portanto, uma relação com o “tempo” exposto em *Gaibéus*. Nesta obra, a repetição árdua dos ceifeiros é o momento de trabalho, o tempo presente é o aspecto temporal que indica e faz relações com as repressões. O autor utiliza o aspecto temporal como recurso ideológico. Também, a narrativa se constrói nas questões dos trabalhos que se orientam pelas estações que mudam, pelo clima, por exemplo, o outono, a seca, a chuva que vem. Verifica-se no trecho: “Mas eles não queriam pensar na chuva. A chuva tornava-se mais dolorosa do que a canícula sem sol. As foices iriam parar e a ceifa era o pão”. (REDOL,2011, p. 140). Dessa forma é caracterizada o trabalho dos ceifeiros. O trabalho era o sustento, isto é, o pão, tarefa árdua e sem tempo para conversas, para cada vez mais gerar lucros aos proprietários. Esta maneira singular da narrativa traz interesses capitalistas, característicos do Neorealismo português.

É recorrente nessas obras o aspecto da carência da fala como também o silenciamento das personagens. Este recurso de linguagem, de certa forma, retrata a marginalização linguística ou são recursos para estigmatizar as personagens que são de uma maneira ou de outra percebidas nas narrativas. Tem-se a impressão de certa ironia por parte do narrador, a qual se verifica na obra *Vidas Secas*, quando Tomás da bolandeira era visto como homem que conhecia letras e que gostava de ler, mas é frágil diante da natureza, e, quanto a Fabiano, a ignorância do mundo letrado, mas tem a força para viver na natureza. Esta situação projeta a ideia de escritor e político versus explorado e matuto, conforme se pode observar no trecho a seguir: “Fabiano hesitou, resmungou, como fazia sempre que

lhe dirigiam palavras incompreensíveis” (RAMOS, 2006, p. 120). Consoante a isso, Holanda (1992, p. 35) afirma: “O silêncio de Fabiano, expõe uma opressão: o sistema linguístico inábil denuncia o sistema social, que assombra”.

Toda a questão da dificuldade que Fabiano tinha para falar e argumentar tem profundas influências nas relações sociais que desempenha na obra. Submisso e alheio aos seus direitos, a personagem nunca se faz entender e vê suas esperanças frustradas e seus sonhos distantes. Além de Fabiano, os filhos também falavam pouco, a Sinhá Vitória era a mais esclarecida e conhecia um pouco do mundo dos letrados, porém, no geral, as personagens se silenciam frente a tantas adversidades e carências. Outro episódio que confirma o silenciamento está no capítulo “Cadeia”, quando, após ser preso, Fabiano é omissivo diante do autoritarismo militar. A ausência da fala também se faz presente no capítulo “O menino mais velho” tal qual o papagaio que morrera, assim constata-se “Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltaram palavras curtas” (RAMOS, 2006, p.12).

Alves Redol utiliza recurso semelhante, ou seja, o silenciamento das personagens, a ponto de desumanizar-se, pela questão da exploração tanto do serviço braçal quanto sexual, a opressão, a obstinação pelo trabalho criado pelo sistema, a baixa renda para o sustento, a subordinação e a exploração da mão de obra de forma mais áspera, rigorosa e extrema, as quais provocam o silenciamento das personagens. Os trabalhadores ou *gaibéus* na narrativa são as camadas marginalizadas, pois o sistema salarista impunha regras subumanas, as quais são ratificadas com a passagem da obra “A malta trabalha em silêncio e só as foices e as espigas falam. As tosses, de quando em quando, dizem que ali vai gente – isso a distingue das máquinas, que não têm pulmões” (REDOL, 2011, p. 56).

Enfim, Graciliano Ramos e Alves Redol tinham interesse de expor nas produções literárias suas percepções sociais, por meio da crítica renovadora e engajada. Esta marca é evidenciada pelo uso do silêncio como horizonte, como iminência de sentido, já que era a única ferramenta que ambos podiam usar no contexto em que viviam, acerca do silenciamento, Orlandi lança a conjectura:

As relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras. Daí que, na análise, devemos observar o que não está sendo dito, o que não pode ser dito. (ORLANDI, 2009, p. 83)

Desse modo, pode-se inferir que a relação do silenciamento das personagens nada mais é que uma representação das vozes silenciadas de muitos na sociedade, indivíduos que se assemelham às personagens de Graciliano Ramos e Alves Redol quando ficam inertes neste estado de apatia, solidão e silêncio frente a tantos conflitos, decepções e frustrações com a política, com o social, com representantes que pouco dão “voz” e preferem o “silêncio” de todos. Enfim, a mensagem que os autores possivelmente queriam suscitar é importante para os estudos literários, não somente com fins de compreender a época e as questões adversas e conflitantes de seus países, mas também para entender que o “silêncio” serviu para expor que a literatura é uma arte que, mesmo sob fortes censuras e opressões, consegue captar e expressar sensações humanas, as quais, por motivos diversos, silenciam-se.

Referências

- ADORNO, T. W. **Teoria estética**. Madrid: Taurus, 1971.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**/Alfredo Bosi. 44ª ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 09ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- COUTINHO, Afranio. **A literatura no Brasil**. 7 ed. rev. e atual. – São Paulo: Global, 2004.
- HOLANDA, Lourival. **Sob o signo do Silêncio**. (criação e crítica, v.8) ed. USP, São Paulo, 1992.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MASSAUD, Moisés. **A literatura portuguesa**. 37ª ed. São Paulo: Cultrix, 2008.
- MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. 2ª ed. – São Paulo; Cultrix, 1978.
- MASSAUD, Moisés. **História da literatura brasileira: modernismo**. São Paulo: Cultrix, 2001.
- MENDONÇA, F. **A literatura portuguesa no século XX**. São Paulo. Hucitec, 2003.
- NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2008.
- ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**. 8ª ed. São Paulo: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 100ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

REDOL, Antonio Alves. **Gaibéus**. 22ª Ed. Publicação: Europa - América, 2011.

ROSAS, Fernando. **História de Portugal: Estado Novo**. (1926-1974). São Paulo: Círculo de leitores. 1994, 7 v.

